

# Editores são contra exigência do diploma para jornalista

Da Redação da Folha

A questão da exigência do diploma universitário específico para o exercício da profissão de jornalista está em discussão no Congresso constituinte, onde se debate a manutenção ou não desse requisito. A Folha ouviu os editores dos quatro maiores jornais do país (Folha, "Jornal do Brasil", "O Estado de S. Paulo" e "O Globo") e os editores de Política das mesmas



publicações. Todos são unânimes ao afirmar que são contra a exigência, ressaltando que o problema é a formação universitária. Para eles, as escolas não sentem a obrigação de melhorar o nível de ensino graças a exigência, que, em tese, garante uma reserva de mercado aos diplomados.

O editor-chefe de "O Estado de S. Paulo", Luciano Ornelas, diz não ser contra os cursos, mas afirma que "escola não ensina talento". Marcelo Leite, editor de Política da Folha, diz que a exigência seria superflua a partir do momento em que as escolas fornecessem mão-de-obra qualificada. "O mercado se encarregaria de selecionar".

O editor do "Jornal do Brasil", Marcos Sá Corrêa, acrescenta que é difícil a formação de um recém-formado nas redações, que hoje já estão na era eletrônica. "Os cursos de comunicação estão entrando na era da máquina de escrever".

Outro dado é fornecido pelo diretor de Redação da Folha, Otávio Frias Filho. Ele afirma que a presença de diplomados em ciências humanas é fundamental para a sobrevivência da imprensa. Frias Filho diz que o jornalismo não pode ser feito de "press-releases" e que exige conhecimento nas diversas áreas que trata (economia, política, literatura etc.). No mesmo sentido, o diretor de

Redação de "O Globo", Evandro Carlos de Andrade, acrescenta que é favorável à exigência de um diploma universitário não específico.

Marcelo Pontes, editor de Política do "Jornal do Brasil", diz que as empresas ficam "amarradas" pela exigência que não permite a contratação de profissionais não diplomados. "Cria-se uma reserva de mercado infantil em prejuízo de todo mundo que lê jornal", diz. José Nêumanne Pinto, editor de Política de "O Estado de S. Paulo", e Lutero Soares, editor de Nacional de "O Globo", acham que, por ser uma profissão cujo exercício não envolve risco ou ameaça, o diploma é desnecessário.

## O que dizem os textos já apresentados

A obrigatoriedade do diploma para jornalistas teve redações diferentes nas três propostas de Constituição. O texto da Comissão Afonso Arinos dizia no artigo 32 que seria "livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, observadas as condições de capacidade que a lei estabelecer" e vedava que se impedisse "o livre exercício de profissões vinculadas à expressão direta do pensamento e das artes".

profissão, ressalvadas as qualificações profissionais que a lei estabelecer". No substitutivo apresentado em 26 de agosto, foi adotada uma restrição semelhante à prevista pela Comissão Afonso Arinos: a lei "não poderá impedir o livre exercício de profissões vinculadas à expressão direta do pensamento, das letras e das artes, e só estabelecerá regime de exclusividade para o exercício de profissão que possa causar risco à saúde física ou mental, liberdade, ao patrimônio ou à incolumidade pública".

No chamado Projeto Cabral, voltou a obrigatoriedade: "é garantido o exercí-

## As opiniões de jornalistas dos 4 maiores diários

Marcos Sá Corrêa, 40, editor do "Jornal do Brasil": "Eu sou a favor dos cursos de comunicação e contra a obrigatoriedade do diploma que, a meu ver, é uma maneira de impedir que esses cursos melhorem pela real necessidade de competir no mercado. Quase todas as redações estão passando por um processo de mudança caro, que consiste em formar os profissionais para a era eletrônica dos jornais. Os cursos de comunicação estão começando a entrar na era da máquina de escrever".

Evandro Carlos de Andrade, 55, diretor de Redação de "O Globo": "Sou contra a exigência e a favor de que se exija um diploma universitário qualquer".

Otávio Frias Filho, 30, diretor de Redação da Folha: "Sou contra a obrigatoriedade. Eu acho que o futuro da imprensa de qualidade no Brasil depende de se garantir o acesso de profissionais das áreas de ciências humanas ao jornalismo. Exceto no caso de autodidatas, que não é um caso frequente, é praticamente impossível que uma pessoa formada apenas em comunicações possa fazer um jornalismo analítico mais aprofundado, crítico. É por isso que a imprensa vive publicando 'press-releases': uma pessoa sem formação em economia, por exemplo, não tem condições de fazer uma entrevista crítica com um empresário; salvo aqueles casos excepcionais, uma pessoa sem formação em letras não pode escrever um texto mais denso sobre Drummond. Para fazer jornal de TV, pela sua própria natureza mais superficial, a formação em comunicações pode até ser suficiente. No caso da imprensa propriamente dita, a minha opinião é de que é uma questão de sobrevivência garantir a liberdade profissional e a presença de sociólogos, filósofos etc. nas redações".

Luciano Ornelas, 41, editor-chefe de "O Estado de S. Paulo": "Eu sou contra o diploma e sou a favor da escola de jornalismo. Acho que a escola deve existir com melhor qualidade e com melhor currículo, mas sou radicalmente contra o diploma. O Brasil deve partir para a modernidade como os países da Europa, onde há escolas de jornalismo e não há nenhuma lei que exija o diploma. Prevalece o livre mercado, o do talento. Quem defende a obrigatoriedade do diploma no fundo defende uma reserva de mercado ideológica. Escola nenhuma ensina talento a ninguém".

Marcelo Pontes, 40, editor de Política do "Jornal do Brasil": "O despreparo das escolas de comunicação não permite que se jogue hoje no mercado profissionais com condições de serem aproveitados. É um problema do ensino em geral. Mas nas escolas de comunicação isso é muito mais gritante, porque a maioria dos formados é realmente muito despreparada, não têm a menor intimidade com o português. O fato de as escolas serem assim deixa as empresas jornalísticas um pouco 'amarradas' na contratação de bons profissionais e impede a renovação de seus quadros. Deve-se ampliar os meios para que as escolas de comunicação se desenvolvam melhor. A exigência não é inteiramente desnecessária, mas cria uma reserva de mercado infantil em prejuízo de todo mundo que lê jornal".

Lutero Soares, 51, editor de Nacional de "O Globo": "Sou contra a exigência do diploma. A profissão de jornalista não é uma profissão que envolva nenhum risco. Qualquer um que tenha habilitação pode exercê-la e a habilitação não é específica".

Marcelo Leite, 29, editor de Política da Folha: "Sou contra a obrigatoriedade do diploma e não contra o diploma em si. A obrigatoriedade impede que valores intelectuais importantes participem das redações. Não existe uma correlação entre a qualificação necessária para o trabalho em jornal e o diploma. Mesmo que as escolas preparassem de fato os estudantes para o exercício da profissão eu seria contrário. A partir do momento em que as escolas melhorassem a preparação dos profissionais, a exigência seria superflua, pois o próprio mercado se encarregaria de selecionar os melhores profissionais".

José Nêumanne Pinto, 36, editor de Política de "O Estado de S. Paulo": "Eu não sou contra o diploma. Sou contra a reserva de mercado aos bacharéis de jornalismo. Em profissões que não envolvam, direto, nenhum risco de vida, a limitação do exercício da profissão é uma limitação da liberdade. A obrigatoriedade do diploma ajuda a baixar o nível das escolas de jornalismo, uma vez que é garantido que o diplomado tem trabalho, as escolas não têm obrigação de ter competência. As escolas só formam jornalistas e os jornais só contratam jornalistas. O primeiro passo é quebrar a reserva de mercado. Isso força a melhorar o ensino. Mas isso só não resolve".